



A INFLUÊNCIA DOS BESTIÁRIOS MEDIEVAIS NAS NARRATIVAS LITERÁRIA E FÍLMICA AS *CRÔNICAS DE NÁRNIA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA*, DE C. S. LEWIS

Laressa de Souza Gonçalves¹ (IC)*, Vanessa Gomes Franca² (PQ)

¹ UEG – Câmpus Pires do Rio, laressasouza19@gmail.com.

² UEG – Câmpus Pires do Rio, UFG.

RESUMO: A tradição bestiária medieval, desde o seu aparecimento no século XII, tem influído a produção em diversas áreas, tais como a pintura, a escultura, a música, a literatura. À vista disso, por meio de nosso estudo, tencionamos investigar de que modo os espécimes animais arrolados nos bestiários são retomados no livro *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de Clive Staples Lewis e o filme homônimo, lançado em 2005 e dirigido por Andrew Adamson. Como embasamento, adotamos as discussões propostas por Fonseca (2011); Franca (2013); Franca e Souza (2017); Gonçalves e Aguiar (2015); Souza (2014); Varandas (2006, 2014); Van Woensel (2001). Este trabalho integra o projeto de pesquisa *A influência dos bestiários medievais na literatura e no cinema*, desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP) da UEG, sob a coordenação da professora doutora Vanessa Gomes Franca.

Palavras-chave: Bestiário Medieval. *As crônicas de Nárnia*. Clive Staples Lewis. Obra fílmica.

Introdução

No século XII, inicia-se a tradição bestiária, códices escritos por clérigos, nos quais eram descritos animais reais (como o cachorro, o leão) e imaginários (como a sereia e a fênix), além de gemas e plantas, com intenção catequizante. Os capítulos de tais livros eram compostos por duas partes: na primeira, abordava-se a natureza do animal; na segunda, apresentava-se uma moralização. Após a sua publicação, o Bestiário alcançou grande notoriedade (VARANDAS, 2014), influenciando a produção em diversos campos, tais como a pintura, a escultura, a música, a literatura.

No século XVIII, há o arrefecimento da tradição bestiária. Não obstante a isso, vemos ressonâncias desta tradição em obras literárias e fílmicas. Tendo isso em vista, em nosso projeto, selecionamos como *corpus* de pesquisa o livro *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, do escritor irlandês Clive Staples Lewis e o filme homônimo, lançado em 2005 e dirigido por Andrew Adamson, a fim de evidenciar ecos do bestiário nas obras citadas.



Como embasamento, adotamos as discussões propostas por Fonseca (2011); Franca (2013); Franca e Souza (2017); Gonçalves e Aguiar (2015); Souza (2014); Varandas (2006, 2014); Van Woensel (2001). Nossa projeto é integra a pesquisa intitulada *A influência dos bestiários medievais na literatura e no cinema*, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP) da UEG, sob a coordenação da professora doutora Vanessa Gomes Franca.

Material e Métodos

Inicialmente, a fim de desenvolvermos a pesquisa proposta, a qual integra a área dos Estudos Literários, constituindo-se em uma abordagem bibliográfica e teórica, efetuamos o levantamento e a leitura de referências a respeito dos bestiários medievais, verificando seu contexto de produção. Logo depois, (re)lemos o livro que compõe o *corpus* da pesquisa, bem como assistimos à obra fílmica baseada nele. Em seguida, procedemos às análises, por meio de cotejos, do material selecionado. Por fim, intentando a produção de conhecimento científico, participaremos de eventos científicos e publicaremos resumos e/ou artigos, objetivando divulgar os resultados parciais e finais da pesquisa.

Resultados e Discussão

*Chi commence li livres c'on apele Bestiaire. Et por
ce est il apelés, qu'il parole des natures des bestes.*
Pierre de Beauvais

No prólogo do seu livro *Bestiaire*, Pierre de Beauvais (2010) afirma: "Aqui começa o livro que chamamos de Bestiário. Ele é assim denominado por falar da natureza dos animais". No medievismo, mais precisamente no século XII, inicia-se a tradição bestiária, que tem os clérigos como seus principais autores. Em tais

REALIZAÇÃO



códices, há narrativas em que se descrevem animais reais (como o cachorro, o leão) e imaginários (como a sereia e a fênix), com

propósitos morais e didáticos. Neste sentido, cada uma dessas narrativas é composta por duas partes distintas: uma parte descritiva de sentido literal (a descrição, *proprietas* ou *naturas*) e a sua moralização e interpretação teológica de sentido simbólico-alegórico (também designada como moralização, *moralitas* ou *figuras*) (VARANDAS, 2006, p. 1, grifos da autora).

A tradição bestiária medieval é influenciada por precursores bíblicos e profanos. No que diz respeito aos precursores bíblicos, “muitas das crenças sobre as monstrosidades que inspiraram os clérigos foram baseadas nas Sagradas Escrituras” (FRANCA, 2013, p. 47). Desse modo, a simbólica dos animais pode ser vista em diversos versículos bíblicos como, por exemplo: “Eu dizia: Morrerei em meu ninho, meus dias serão tão numerosos quanto os da **fênix**” (Jó 29,18); “Sobre **serpente** e **víbora** andarás, calcarás aos pés o **leão** e o **dragão**” (Sl 91,13); “Semelhante ao das **serpentes** é o seu veneno, ao veneno da **víbora surda** que fecha os ouvidos para não ouvir a voz dos encantadores, do mais hábil em praticar encantamentos” (Sl 57,5); “Mas, no fim, morde como uma **serpente** e pica como um **basilisco**!” (Pr 23,32).

Quanto aos precursores profanos, a simbólica dos animais será inspirada, segundo Pedro Carlos Louzada Fonseca (2011, p. 46), antes da era cristã, pela “imemorável tradição oral de ascendência asiática, helenística ou egípcia, ao lado dos mais antigos autores que abordaram assuntos relativos ao mundo animal, como foi o caso, dentre outros, de Heródoto (século V), Ctésias (século IV) e Aristóteles (século III)”. De acordo ainda o pesquisador, “na era cristã, a primordialidade de influência coube a Plínio, o Velho (século I), seguido por Solino (século II)” (FONSECA, 2011, p. 46).

Além dos precursores bíblicos e profanos, o bestiário é também influenciado pelos *Physiologi*. Em tais livros, há a descrição de animais, pedras e plantas por meio de



[...] uma estrutura binária: a primeira parte é descritiva e apresenta um animal (ou outro ser natural) através de um traço característico ou, antes, uma conduta particular, chamada “natureza” do animal; a segunda é interpretativa e traduz a realidade zoológica em realidade espiritual, seja como uma lição teológica, seja como uma exortação moral endereçada ao leitor (cristão) a fazer o bem e a evitar o mal (ZUCKER, 2004, p. 10, grifo do autor, tradução nossa).¹

Desde os tempos mais antigos, a natureza é vista como um mistério. Os seres maravilhosos e aqueles que permeiam na nossa realidade são frequentemente estudados e postos em pauta. Assim, após ser publicado, “ao longo dos sécs XII, XIII e XIV, o Bestiário gozou de enorme popularidade, tendo conhecido uma circulação paralela à do texto bíblico” (VARANDAS, 2014, p. 48).

Por causa de sua popularidade, o bestiário influenciou e tem influenciado, sobremaneira, a iconografia religiosa, a tapeçaria, a pintura, os textos literários, as narrativas fílmicas, as séries. À vista disso, em nosso projeto, selecionamos como *corpus* da nossa pesquisa o livro *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, do escritor irlandês Clive Staples Lewis e a obra fílmica homônima, lançada em 2005 e dirigida por Andrew Adamson.

O texto de Lewis (2009) e, conseqüentemente, o filme dirigido por Adamson, retomam seres fantásticos e místicos, bem como animais presentes nos bestiários medievais. C. S. Lewis “faz carreira como professor universitário, teólogo anglicano, poeta e escritor. Destaca-se pela sua pesquisa acadêmica sobre literatura medieval e pela apologética cristã que desenvolve através de vários livros e conferências” (GONÇALVES; AGUIAR, 2015, p. 144). Talvez sua relação com a literatura medieval e com a apologética cristã tenham contribuído para que o autor povoasse *As crônicas de Nárnia* com várias animálias presentes nos bestiários como, por exemplo o leão, retomado na obra fílmica e na literária por Aslam.

Líder por natureza e representante da força e bravura, a representação de Aslam é carregada de simbologia religiosa. Na obra literária, Aslam significa salvação: “O mal será bem quando Aslam chegar, / Ao seu rugido, a dor fugirá, / Nos

¹ Lê-se no original: [...] une structure binaire: la première partie est descriptive et présente un animal (ou un autre être naturel) à travers un trait caractéristique, ou plutôt une conduite particulière, appelée “nature” de l’animal; la seconde est interprétative et traduit la réalité zoologique en réalité spirituelle, soit comme une leçon de théologie, soit comme une exhortation morale adressée au lecteur (chrétien) à faire le bien et éviter le mal.

seus dentes, o inverno morrerá, / Na sua juba, a flor há de voltar” (LEWIS, 2009, p. 137, grifo do autor). Do mesmo modo, no bestiário, o leão, por meio de seu rugido, do seu sopro (Fig. 1) ou de sua lambidela (Fig. 2), dependendo da versão, é capaz de ressuscitar seus filhotes que nascem mortos: “quando a leoa dá luz a seus filhotes, ela os pare mortos e os deita sem vida por três dias – até que o pai deles, vindo no terceiro dia, respira sobre suas faces e os faz viver” (WHITE, 1984, p. 8-9, tradução nossa)².

Figura 1 – O sopro do leão



Fonte: Bibliothèque Nationale de France, fr. 1951, Folio 18r

Figura 2 – A lambidela do leão



Fonte: Morgan Library, MS M.81, Folio 8r

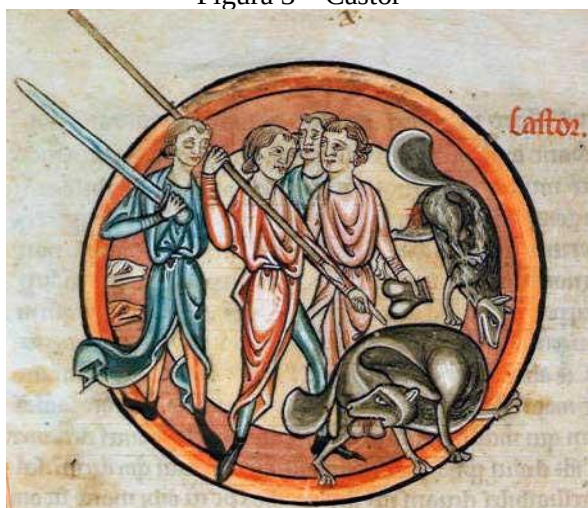
Segundo Edilson Alves de Souza (2014, p. 50), por causa do cristianismo, o leão, como a maioria dos símbolos solares, se tornou um emblema de Cristo, a “luz do mundo” (João 8, 12). Diante disso, o que chama atenção é o hálito, a respiração, o sopro, pelos quais o leão dá vida aos seus filhotes após três dias. Dessa maneira, seu sopro está relacionado ao Espírito Santo, aquele que dá o sopro da vida.

Além do mais, a história dos filhotes que nascem mortos e que são ressuscitados pelo pai ao terceiro dia, lembra-nos Jesus Cristo, o qual permaneceu morto e ressuscitou ao terceiro dia (Lucas 24.7-9).

² Lê-se no original: *The third feature is this, that when a lioness gives birth to her cubs, she brings them forth dead and lays them up lifeless for three days – until their father, coming on the third day, breathes in their faces and makes them alive. Just so did the Father Omnipotent raise Our Lord Jesus Christ from the dead on the third day. Quoth Jacob: ‘He shall sleep like a Lion, and the lion’s whelp shall be raised’.*

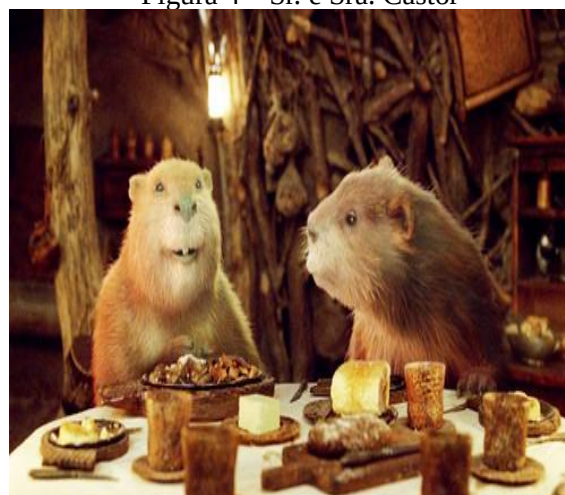
Além do leão, outras figuras como o castor, o unicórnio, o centauro e o sátiro, também estão inseridas na obra literária e na produção cinematográfica. Dentre os elencados, destacamos o castor (Fig. 3). No bestiário, tal animália, que é cristológica, é perseguida pelos caçadores, por causa de seus testículos, já que se acredita que eles contêm um “precioso remédio para várias doenças” (VAN WOENSEL, 2001, p. 195). Desse modo, para não ser morto, o castor arranca com os próprios dentes os seus testículos, jogando-os aos caçadores. Esse ato, que salva a sua vida, ensina que “o cristão deve preferir o sacrifício da castidade ao castigo eterno por causa do pecado mortal” (VAN WOENSEL, 2001, p. 195).

Figura 3 – Castor



Fonte: British Library, Harley MS 4751, Folio 9r

Figura 4 – Sr. e Sra. Castor



Fonte: <https://www.pinterest.co.uk/pin/205899014197785006/>

Na obra literária e fílmica *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, há um casal de castores, Sr. e Sra. Castor (Fig. 4). Eles assumem um papel protetor para com os Filhos da Profecia (Pedro, Susana e Lúcia) e os guia até seu destino, ou seja, ao acampamento de Aslam. Assim, como o castor do bestiário protege a sua vida, para não cair em pecado, o casal de castores cuida dos Filhos da Profecia, a fim de que eles não sejam aprisionados pelas forças do mal, representadas pela Feiticeira.



Considerações finais

Como salientamos anteriormente, a tradição bestiária, desde o seu início, no século XII, influenciou diversos campos, quais sejam: a pintura, a escultura, a música, a literatura. Mesmo após o seu arrefecimento, no século XVIII, tal tradição ainda é retomada atualmente. Tendo isso em vista, é que selecionamos as narrativas literária e fílmica *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, a fim de verificar como os espécimes animais arrolados nos bestiários são retomados em tais obras. Ao longo de nosso estudo, como demonstramos, constatamos que há ressonâncias do bestiário na descrição de determinadas personagens das obras que compõem nosso *corpus* como, por exemplo: Aslam; o Sr. e Sra. Castor.

Assim, além de evidenciar a ressonância e a herança da estética medieval na contemporaneidade, esperamos que o presente estudo contribua para a compreensão da natureza dialógica dos textos literários bem como dos mecanismos que estes evocam, constantemente, em suas trocas retóricas, simbólicas e sócio-culturais.

Referências

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Direção de Andrew Adamson. EUA: The Walt Disney Pictures, 2005. 144min.

BEAUVAIS, Pierre de. **Le Bestiaire**: version longue attribuée à Pierre de Beauvais édité par Craig Baker. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2010.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na Colonização do Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2011.

FRANCA, Vanessa Gomes. **A tradição bestiária medieval na França**: Richard de Fournival e *Le Bestiaire d'Amour*, apresentação e tradução. 2013. 269 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão, Cultura e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



GONÇALVES, Sabrina Rosa; AGUIAR, Vera Teixeira de. Por um estudo extratextual da obra literária: o exemplo de *As crônicas de Nárnia*, de Clive Staples Lewis. **Contexto**, Vitória, n. 28, 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contexto/article/view/11959/8565>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LEWIS, Clive Staples. **As crônicas de Nárnia**. Tradução de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. 2. ed. São Paulo: Editora WNF Martins Fontes, 2009.

SOUZA, Edilson Alves de. *O setenário dos pecados capitais na tradição bestiária medieval*. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. **Medievalista Online**, Lisboa, ano 2, n. 2, p. 1-53, 2006. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/PDF2/bestiario-PDF.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. Bestiário: um género medieval. In: MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro (Coord.). **Bestiário medieval**: perspectivas de abordagens. Instituto de Estudos Medievais: Lisboa, 2014. (Coleção Estudos, 9).

VAN WOENSEL, Maurice. **Simbolismo animal na Idade Média**: os bestiários: um safari literário à procura de animais fabulosos. João Pessoa: Ed. Universitaria/UFPB 2001.

WHITE, Terence Hanbury. **The book of beasts**: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century. London: J. Cape, 1984.

ZUCKER, Arnaud. **Physiologos**: le bestiaire des bestiaires. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 2004.